

O "TRAZER OS SENTIDOS" À ORAÇÃO

S. Inácio não desconhece a **vontade hesitante** e a **instabilidade** de muitos compromissos humanos quando só dependem da carga afetiva ou emotiva que suporta em cada momento. Mesmo reconhecendo que a **afetividade** é o suporte fundamental das decisões humanas, no entanto, por si só, ela não basta para assegurar sua consistência posterior. Sua firmeza se desvanece quando, contra aquilo que sinceramente foi querido e desejado, outras resistências internas se opõem a ela ou inclusive a contradizem. Só amamos e desejamos duradouramente o que conseguimos se, além disso, nos atrair e nos agradar; e só rejeitamos verdadeiramente o que chegou a ser realmente detestável.

Daí que S. Inácio proponha que a **sensibilidade** seja também convocada à oração, porque não pode **"ficar solta"**, receptiva a outros cantos de sereia alheios à decisão tomada pelo afeto e pela razão. Ela deve, pelo contrário, **"obedecer e estar sujeita a estes"** (EE 87). Por isso propõe, para o final de cada dia dos exercícios, o **"passar ou trazer os sentidos"** à oração, com a intenção de **"imprimir na alma as contemplações já feitas nesse dia"** (esta expressão aparece na tradução latina dos EE, conhecida como Vulgata n. 227).

O seguimento de Jesus só se completa e se assegura quando "educamos" nossa **sensibilidade**, inspirada na sensibilidade de Jesus. Ou seja, passa por empapar-nos de sua forma de ser e de sentir; vibrar com tudo aquilo que lhe fazia vibrar; detestar tudo aquilo que Ele detestava e, assim, reagir frente à realidade e às pessoas do mesmo modo como Ele reagia. Os Exercícios se apresentam como uma aprendizagem e um aprofundamento deste **sentir** de Jesus. Trata-se de um querer ter sempre – na expressão de Paulo (Fil 2,5) – **"os mesmos sentimentos de Cristo Jesus"**, porque o exercitante deseja **seguí-lo e imitá-lo** em tudo.

"As portas dos sentidos"

A imagem – bem expressiva – é do próprio S. Inácio, que a emprega para reforçar o papel dos **sentidos** na manifestação do "homem-mulher interior" para fora e na maneira de filtrar a percepção externa para o interior.

Nota: *"Todos tenham especial cuidado em guardar de toda desordem, com muita diligência, as portas de seus sentidos, especialmente os olhos, os ouvidos e a língua, e em se manter na paz e verdadeira humildade interior. Deem delas mostras no silêncio, quando se deve guardar, e, quando se deve falar, na ponderação e edificação das palavras, na modéstia do rosto, gravidade no andar e em todos os gestos, sem sinal algum de impaciência ou soberba"* (Const. 250).

Com efeito, os **sentidos** são uma estrada de dupla direção: por uma parte, captam e deixam passar os estímulos que recebem da realidade; por outra, muito expressivamente, deixam transparecer o modo com que tais percepções tiveram ressonâncias no próprio coração.

Com a expressão **"educação da sensibilidade"** indica-se diretamente a esta segunda consideração dos sentidos corporais como expressão do próprio interior. Ou seja, a esse "plus de humanidade" que "sai de dentro" e permite que os cinco sentidos não se limitem somente a ver, ouvir, cheirar, gostar e tocar – que podem ser respostas meramente mecânicas –, senão que, além do mais, aprendam a **olhar, escutar, saborear, acariciar e beijar**.

Nascemos com olhos, mas não com **olhar**. Temos ouvidos, sim, mas o que acabamos ouvindo muitas vezes é que não sabemos **escutar**. Podemos cheirar e gostar das coisas, mas nem sempre somos capazes de desfrutar e saborear a vida. Tocamos e talvez abraçamos os outros, mas, quantas vezes nosso contato não chega a ser expressão de carinho e acolhida!

A qualquer destas realidades podemos chamá-las, com propriedade, de **sentidos espirituais**, porque são isso mesmo, quando manifestam a sensibilidade espiritual que podemos trazer dentro de nós. S. Inácio não encontra melhor meio para fomentá-la a não ser imitar a Cristo nosso Senhor e a nossa Senhora no uso destes sentidos. *"Quem quiser imitar Cristo nosso Senhor no uso dos seus sentidos encomende-se a sua divina Majestade na oração preparatória. Tendo considerado um sentido, diga uma "Ave Maria" e um "Pai-Nosso". Quem quiser imitar nossa Senhora no uso dos sentidos encomende-se a ela na oração preparatória, para que alcance, para tanto, graça de seu Filho e Senhor. Tendo considerado um sentido, diga uma "Ave-Maria"*. (EE 248).

Com efeito, o grande dom transformador para o exercitante vai ser precisamente **"conhecer e sentir"** como Jesus olhava e escutava – ou também Nossa Senhora – e em que tom de voz falava às pessoas que se aproximavam d'Ele. Através de nossos **sentidos**, o mundo de Jesus entra imaginativamente em nossa intimidade e, por meio deles, respondemos também à realidade de um modo novo. Buscando e desejando a iden-

tificação com Jesus, nossos sentidos aprendem d'Ele a ter carícia, olhar, escutar e saborear. Por isso, podemos dizer que, *“para aquele que faz os Exercícios, não muda a realidade, mas a maneira de olhá-la”*. O exercitante, que também deseja imitar a Jesus no uso de seus sentidos, que tantas vezes **sentiu compaixão** pelos últimos e perdidos (Mc 6,34), aprende, com Ele, a **viver com compaixão**. Quando, pelo contrário, não encontra Jesus sensivelmente, e com Ele a Deus, seus sentidos passeiam vazios e sem bússola pelo mundo, como afundados na noite. A transformação do afeto se faz, então, mais problemática e instável.

A “aplicação de sentidos” nos Exercícios

Embora a expressão não apareça nunca em S. Inácio, com ela nos referimos à **educação da sensibilidade**, à qual ele destina um exercício todos os dias ao anoitecer. Ele pensa que neste momento se dão as melhores condições para sensivelmente ter acesso à intimidade da pessoa de Jesus. A identificação com o Senhor, pedida e repetida desde o primeiro exercício da manhã, e muito carregada de afeto em todo momento, se faz agora mais sensível – **“aproveita”**, diz S. Inácio – um maior investimento no **uso dos sentidos** sobre a **história** contemplada.

Agora já não se trata só de **ver** e **ouvir** a cena com a vista e o ouvido imaginativos, ou inclusive de **olhar** com todo o afeto possível *“o que estão fazendo as pessoas”* que se contemplan. Agora, todos os demais sentidos corporais se implicam na ação, imaginativamente, para querer *“sentir e saborear com o olfato e o paladar a infinita suavidade e doçura das pessoas”* e *“abraçar e beijar os lugares onde tais pessoas pisam e se assentam”* (EE 124-125).

Situando-se em presença de Jesus ou de nossa Senhora, mobiliza-se a imaginação para que, *“sem divagar, percorra assiduamente”* (EE 64) por aquilo que os evangelistas nos contam sobre o **olhar** de Jesus frente aos fatos e às pessoas que em sua vida teve diante de si. Com que expressão recebia Ele os apoios amistosos e os contratemplos, os louvores e as impertinências, o descanso e as ameaças? Que dados os evangelistas recolheram sobre seu olhar para com seus amigos e inimigos, seguidores e contrários, sinceros e desonestos, marginalizados e poderosos, pecadores e respeitáveis? Que mensagem podiam ler, uns e outros, naqueles olhos que se fixavam neles? Que havia de comum em seu olhar enquanto falava suavemente às pessoas a partir de uma barca, à margem do lago, ou em seu último dia, sofrendo na Cruz? Ou quando falava do Pai aos seus discípulos?

Do mesmo modo, considerar a Jesus **escutando** àqueles que ninguém havia escutado antes. Como se retiravam aqueles aos quais Jesus havia escutado sem pressas sobre as desgraças de um parente enfermo? Como pôde inteirar-se do desejo de Zaqueu, que não se atrevera a dizer nada desde o alto da árvore na qual subira? Que escudou realmente de Pedro quando, na Última Ceia, se mostrou, diante de todos, tão ufanista e presunçoso?

Considerar também sua maneira de **saborear** a vida – a curta vida que seu Pai lhe concedeu – e sua maneira de transmitir **abraço e carícia**, interesse e proximidade aos que lhe tocavam e aos que Ele tocou. De fato, fez sentir aos seus que sua existência tinha sido a passagem de um coração misericordioso por suas vidas.

“Passou fazendo o bem”, sintetizou Pedro depois (At. 10,38).

Considerar, por último, a **suavidade** de uma personalidade transparente, um Jesus livre do amor-próprio e de qualquer tipo de medos paralisadores, quando se apresentava para pregar no Templo ou respondia, diante do tribunal, àqueles que lhe podiam tirar a vida. Não parecia guardar rancor pelas ofensas dos fariseus e o menosprezo dos saduceus, nem se sentir doído pelas fragilidades humanas de Pedro, Filipe e os mais próximos (Jo 13,38; 14,9). Seus discípulos lhe ouviram falar sempre do Pai e anunciar seu Reino sem buscar a si mesmo (Lc 9,50),

Há muita **sensibilidade** diferente da nossa, no dia a dia de Jesus. Mas, a comparação com Ele não está destinada a alimentar em nós a mínima frustração, mas a estimular e orientar nossos desejos, que é todo o contrário. O acerto de S. Inácio está em ter compreendido a eficácia desde exercício educador dos sentidos, para depois *“encontrar a Deus em todas as coisas”* e *“sair do próprio amor, querer e interesse”* (EE 189). Com frequência, tal exercício se converte, para o orante, na petição central de sua vida. Nenhum outro dom do Senhor vai ter mais consequências práticas em sua atuação cotidiana. Nenhum outro vai lhe transformar mais. Nenhuma outra petição, por isso, será a definitiva.

*“Dá-me o **“sensus Christi”** que Paulo possuía; que eu possa sentir com teus sentimentos, os sentimentos de teu Coração com que amavas o Pai e os irmãos (...) Dá-nos essa graça, dá-nos o **“sensus Christi”**, que vivifique nossa vida toda e nos ensine a proceder conforme o teu espírito”* (Pedro Arrupe sj)